

Experiências de Processos e Curadorias: Uma visita sobre o Programa de Residência Artística Virtual Compartilhada da Black Brazil Art na seleção de projetos para a Bienal Black

Patricia Brito

Curadora de arte, museóloga e pesquisadora.
Black Brazil Art
blackbrazilarte@gmail.com

Resumo

Nesta escrita reflexiva, exploro as experiências de processos e curadorias no programa da residência artística virtual compartilhada da Black Brazil Art, apresentando um resumo das atividades, processos e práticas realizadas nas três edições da residência artística on-line. Uma iniciativa que busca fornecer uma visão geral do programa e suas contribuições para o desenvolvimento e a promoção de práticas artísticas e culturais inovadoras e inclusivas. A escrita analisa como este programa têm sido fundamental na seleção de projetos para a Bienal Black, um evento de destaque no cenário

artístico nacional. Através da investigação das práticas curatoriais e das dinâmicas de colaboração entre artistas e curadores, visito e revisito autores que cruzam experiências para fundamentar meu olhar acerca do pensamento crítico na condução da prática reflexiva, buscando compreender os desafios e as oportunidades proporcionadas por essa residência virtual.

Palavras-chave: Residência Artística, Black Brazil Art, Curadoria Colaborativa, Arte Decolonial, Processos Artísticos.

Abstract

In this text, I explore the experiences of processes and curations in the program of the shared virtual artistic residency of Black Brazil Art, presenting a summary of the activities, processes, and practices carried out in the three editions of the online artistic residency. An initiative that seeks to provide an overview of the program and its contributions to the development and promotion of innovative and inclusive artistic and cultural practices. The text analyzes how this program has been pivotal in the selection of projects for the Black Biennial, a prominent event in the national

artistic scene. Through the investigation of curatorial practices and the dynamics of collaboration between artists and curators, I visit and revisit authors who intersect experiences to substantiate my view on critical thinking in conducting reflective practice, seeking to understand the challenges and opportunities provided by this virtual residency.

Key words: Artistic Residence, Black Brazil Art, Collaborative Curatorship, Decolonial Art, Artistic Processes.

O novo espaço de produção

A tarefa crítica diante de uma residência artística virtual compartilhada como a da Black Brazil Art vai além de simplesmente relatar ou justificar preferências individuais, pois busca uma forma de comunicar os significados que emergem no encontro com a prática artística.

Esses significados podem ser compreendidos em duas direções distintas. Primeiramente, ao conectar uma obra ao seu contexto dentro da história da arte, é possível apreciar a presença material da obra e estabelecer o grau de inovação estética que ela representa. Essa abordagem permite uma apreciação formal que considera a trajetória artística e a contribuição da obra para o campo da arte. Em segundo lugar, o significado também pode ser encontrado ao relacionar uma obra ao seu contexto social. Nesse sentido, é possível identificar a relevância política e as referências culturais presentes na obra, analisando como ela se insere no campo mais amplo do poder e do saber. Dessa forma, a combinação entre apreciação formal e engajamento social aprimora a escrita do relato de preferências.

Appadurai (1996) argumenta que no cenário das práticas artísticas contemporâneas, percebe-se uma dualidade entre o desejo de mobilidade e o apego ao lugar. No entanto, é importante observar que a natureza desse engajamento sofreu transformações no contexto da globalização (Appadurai, 1996). A ideia de representar um local ou reagir a questões políticas não pode mais ocorrer de forma isolada, dissociada das preocupações globais. O mito da autonomia do artista e sua separação da vida cotidiana também foram questionados. Os artistas atualmente trabalham cada vez mais em colaboração com comunidades e grupos, explorando as histórias complexas e as tradições visuais que se formam nesses lugares. Embora sejam comprometidos com esses lugares, eles também têm consciência de seus vínculos com debates globais e participam de diálogos transnacionais sobre o significado de sua prática e sua relevância para os outros (Appadurai, 1996). Nesse processo, as antigas hierarquias que colocavam o artista em uma posição acima ou à margem do cotidiano desaparecem. Os artistas agora se encontram no meio do fluxo da vida cotidiana, não podendo mais se isolar ou presumir que

estão à frente das mudanças que ocorrem no mundo. Sua arte é moldada no processo de trabalho com os outros e dentro das instituições da vida cotidiana. Em termos mais amplos, a forma de arte está sempre carregada de significado, pois possui implicações que transcendem as intenções individuais do artista.

À medida que as relações são estabelecidas entre as pessoas e os lugares, a arte se torna intrinsecamente política. A tarefa de atribuir significado e construir pontes para conectar a arte com o cotidiano não pode mais ser delegada exclusivamente aos curadores. A produção artística agora inclui uma consciência da maneira pela qual ela se comunica com os outros, reconhecendo seu potencial transformador e seu papel na interação com a sociedade.

Com uma abordagem puramente analítica do espaço geográfico, essa escrita-reflexiva aborda a noção de prática artística na visão de nossa relação com o espaço. Se por um lado, o espaço definido como físico, é um movimento físico do corpo que se encontra em um novo ambiente, por outro, há também um movimento de práticas artísticas voltadas para relações mais intuitivas e empáticas já que nossa relação com o espaço é tão emocional e intelectual do que física. Portanto, perguntamos como recriar, sentir e propor que o artista seja capaz de gerar uma narrativa de processo artístico que facilite a reancoragem para um novo espaço de criação colaborativa que não seja físico. Se por um lado sustentamos que sempre pensamos em outro lugar e que esse lugar move-se como um exercício de ligação para o outro em estado de descoberta e conhecimento, uma oportunidade de agir, falar e co-criar, passa de um estado passivo à mobilização pelo exercício do processo artístico em meio digital. Com isso, a organização de uma residência artística on-line exige uma reflexão sobre a mudança na relação humana com o espaço no atual cenário global, além de considerações adicionais em relação às especificidades culturais de cada participante.

O filósofo francês Michel Foucault (1966/1999) abordou a relação entre o ser humano, a sociedade moderna e o espaço, sugerindo a

ideia de uma época de simultaneidade, justaposição e dispersão, na qual passado e futuro, aqui e em outros lugares, visíveis e invisíveis, coexistem. Essa intervenção ocorreu há quase meio século, no final dos anos 60, mas hoje soa como uma profecia que descreve de maneira precisa o estado do nosso mundo globalizado e tecnologicamente viciado. Nossa experiência atual do mundo se assemelha mais a uma rede que conecta pontos e se entrelaça em seu próprio emaranhado, em vez de uma narrativa linear que se desenrola ao longo do tempo. Hoje, é interessante lembrar que, desde o final do século xx, a ideia de tangibilidade do lugar tem sido repetidamente questionada por um recorrente reexame da relação entre o espaço físico e o virtual.

Além disso, um novo tipo de geografia baseada em informações digitais e dados imateriais vem crescendo quase que na velocidade da luz. Essas e muitas outras tecnologias hoje muito em voga influenciaram profundamente a forma como as pessoas abordam os territórios e interagem entre si e com o seu ambiente e é a partir desse ritmo, que os processos artísticos em residências também mudaram e são capazes de fazer entregas tão boas quanto às do ambiente físico. Não podemos escapar responsabilmente dessa condição de modernidade, mas podemos e precisamos encontrar algumas maneiras de enfrentar esse fato de forma construtiva (Dussel, 2000). Um dos maiores desafios da época atual é encontrar maneiras de abraçar a modernidade e o progresso, ao mesmo tempo em que realinhamos nossas prioridades em prol do ser humano e sua reconexão com a natureza. Isso requer uma mudança urgente na ideia cartesiana que prevaleceu por séculos na mentalidade ocidental, na qual nos vemos como separados da natureza e posicionados de forma superior no universo. A decolonialidade

emerge como uma crítica essencial, buscando oportunidades para reexaminar conceitos, perspectivas e fazer uma crítica direta ao capitalismo e à modernidade. Historicamente, os seres humanos foram considerados distintos de todas as outras criaturas do planeta devido à sua capacidade racional e ao fato de que, como mencionado na Bíblia, fomos criados por último e à imagem de Deus.

Enquanto os artistas em residência questionam sobre a forma como poderíamos inventar novos caminhos, novos percursos para descobrir novos territórios, histórias e suas ancestralidades para estabelecer uma nova conexão, os mentores direcionam sua atenção para exercitar as práticas alavancadas por encruzilhadas, linhas imaginárias, mapas mentais e associações livres em busca da poética de uma construção coletiva. Nos tempos atuais, o mundo inteiro parece estar numa encruzilhada e a redefinição das múltiplas identidades (nacionais, territoriais, religiosas, étnicas) é um tema quente em todos os lugares (Castells, 2000). No entanto, as três edições da Residência Artística Virtual Compartilhada da Black Brazil Art, exploraram temas atuais e buscaram inscrever outras imagens por trás do poder visual contemporâneo. A este princípio de caminho, carregamos a viagem como num filme, onde os artistas combinam uma arte de dobrar o espaço. Nos apresentaram processos e práticas atravessadas por passagens secretas, transportadas pela imaginação, sendo guiados pelas conexões inesperadas que o pensamento coletivo nos proporciona. Passamos sem perceber da zona de conforto para as águas turbulentas não para enfrentar problemas, mas deslizar ao longo de uma linha traçada pelo fluxo da fala para se concentrar na escuta 'do' sensível.

A Residência Artística Virtual Compartilhada

A Residência Artística Virtual Compartilhada é um programa da Black Brazil Art que nasceu em 2020 por ocasião da pandemia da Covid-19. O objetivo era contribuir com conversas, processos e práticas, para um pensamento crítico, em espaço de criação colaborativa em plataforma digital.

«Artistas exploram e criam sob a perspectiva de
um olhar macro e transnacional.»

Patricia Brito

Com uma abordagem interdisciplinar, o programa desafiou os limites tradicionais das práticas artísticas e incentivou o desenvolvimento de novas perspectivas e habilidades. Uma definição prática de «processo coletivo» é a prática artística ou criativa que aproxima e melhora as interconexões-integra colaboração entre artista, curador, público e trocas de conhecimento e perspectivas através do tripé: ESCUTA, ATRAVESSAMENTO E DESCOBRIMENTO.

Ao proporcionar um ambiente virtual compartilhado, a residência permite que os artistas colaborem e compartilhem ideias, independentemente de sua localização geográfica. Isso resulta em uma rica troca de experiências e conhecimentos, fortalecendo o grupo, que acaba por sair de sua *zona de conforto*. O caráter importante que essa Residência Artística Virtual Compartilhada carrega, para além de fomentar a criação e desenvolvimento de projetos artísticos colaborativos é estimular que esses artistas-residentes produzam trabalhos críticos para o principal projeto da Black Brazil Art, a Bienal Black. Esse laboratório virtual de processos e práticas artísticas desenvolvidos de forma coletiva e colaborativa tem no seu formato, o compartilhamento de pesquisas e formas de saberes e fazeres com instituições independentes e mentores convidados. A im-

portância dos espaços virtuais de aprendizado e trocas artísticas é inegável, especialmente para artistas que buscam aprimorar, refletir e expandir seus trabalhos em outros projetos. Residências Artísticas são fundamentais no cenário contemporâneo, pois proporcionam intercâmbio cultural e fomentam a diversidade artística, conectando o local com o mundo da arte global. Em tempos de distanciamento social, os espaços virtuais ganharam ainda mais relevância. Eles possibilitaram o desenvolvimento de práticas culturais, permitindo a troca de ideias e práticas artísticas, e promoveram o contato entre organizações, grupos, centros, institutos e profissionais do campo criativo (Bishop, 2012). Essas conexões facilitaram o entendimento mútuo e a cooperação, bem como o compartilhamento de habilidades e conhecimentos. O sucesso de uma residência virtual depende não apenas da qualidade dos mentores envolvidos, mas também da construção de um coletivo em uma proposta única. Alguns elementos-chave para estabelecer um programa bem-sucedido incluem: oferecer conhecimento, experiência e contatos específicos, abordagem proativa, especialização e disposição para compartilhar habilidades e conhecimento.

Essa escrita-reflexiva apresenta um resumo das atividades, processos e práticas realizadas

nas três edições da residência artística on-line, destacando os principais temas abordados, as atividades realizadas e os resultados alcançados pelos participantes. Através de conversas ativadoras e de gatilhos, os participantes foram encorajados a propor ideias e desenvolver projetos artísticos a serem realizados em um Bienal de arte. Cada edição da residência é norteadada por um tema específico, visando explorar diferentes aspectos das práticas e processos.

Um ponto a se considerar nesse modelo de residência on-line são as parcerias criadas a fim de aproximar\atravessar fluxos de conversas e experiências entre Brasil e outros países. Em todas as edições da Residência Artística Virtual Compartilhada-RAVC, tivemos parcerias que desafiaram o status quo e ampliaram a percepção de pensamento crítico do artista-residente.

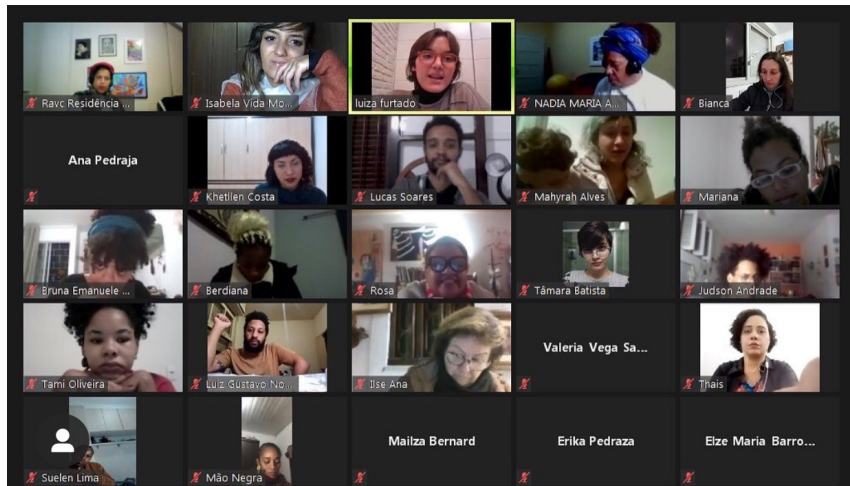
Em 2021, para a primeira edição da residência (RAVC-1), a parceria se deu entre a Black Brazil Art e o Colectivo de Estudios Afrolatinoamericano da Universidad de la República del Uruguay (um coletivo de estudos raciais dentro da universidade em Montevideu no Uruguay) e o Coletivo Artemisia de Bologna na Itália (um coletivo feminista). Para a segunda edição da residência (RAVC-2), a parceria se deu entre a Black Brazil Art e a Njabala Foundation (uma fundação de promoção do trabalho artísticos de mulheres da cidade de Kampala em Uganda). Já a terceira edição da residência (RAVC-3), a parceria se estendeu ao Museo de las Mujeres de Costa Rica (museu voltado para a preservação e disseminação de produção e prática artística de mulheres latino-americana). Isso posto, mostra que a Black Brazil Art busca cada vez mais o estreitamento e o fomento das atividades do Brasil, transversalizando com o resto do mundo.

Diálogos Além-fronteiras: Práticas, Representações e Visibilidades #RAVC-1

A proposta do programa de Residência Artística Virtual Compartilhada-RAVC, cuja curadoria procura transcender o tradicional limite da disciplina e aprimorar as práticas autônomas, incluindo análise contemporânea da mídia tradicional e repertório, teve como tema da primeira edição, *Diálogos Além-fronteiras-Práticas, Representações e Visibilidades*. Essa parceria colaborativa se deu na forma de mentorias propostas com temas específicos,

em plataforma digital para aferir pensamento crítico que gerasse espaços de diálogo entre artistas, pesquisadores, críticos, audiências e instituições. Foram dezoito mentores nacionais e internacionais mentorando vinte e quatro residentes que permaneceram por três meses (junho, julho, agosto, 2021) criando e co-criando processos através do tema proposto para a 2BIENALBLACK.

Figura 1
Registro da turma 2021, mentoria de Luiza Furtado



O processo on-line envolveu uma série de etapas, iniciando com a seleção dos participantes e a apresentação do tema central. Os participantes foram escolhidos com base em suas áreas de atuação, experiências e interesses, garantindo uma ampla variedade de perspectivas e abordagens. Diversos foram os caminhos tencionados nos encontros com os residentes; caminhos esses que visitaram e revisitaram autores conhecidos e desconhecidos, que questionaram e desafiaram a crítica colonialista (Lefebvre, 2000), que se depa-ram com o corpo memória, corpo passado que coexiste e estabelece o presente, o corpo que comunica, que gesta, que é território. O corpo que cura desigualdades, que acumula camadas de pele, que reflete sobre a não-neu-tralidade como imagem de controle.

Antes de adentrar no processo configurado nessa primeira edição, é preciso explicar que a residência artística on-line da Black Brazil Art é guiada pelo conceito da “reflexibilidade”, ou seja, ao trabalhar com o pilar: ESCUTA + ATRAVESSAMENTO + DESDOBRAMENTO, sem os quais, seria como separar “espaço-tempo”, uma espécie de “tempo-espiralar” conforme Leda Maria Martins (2021) nos traz, subvertendo cronologias lineares, onde passado, presente e futuro estão intrinsecamente conec-tados, utiliza-se do conceito de reflexibilidade no campo das artes para extrair dos artistas que examinem, questionem e explorem criti-camente os próprios processos criativos, con-

textos socioculturais e tradições artísticas.

Essa reflexão permite que os artistas compreendam melhor o significado e o impacto de suas práticas e produções artísticas, tanto individualmente como coletivamente (Giddens, 1991). A reflexibilidade na arte envolve uma abordagem introspectiva, na qual os artistas avaliam suas motivações, intenções e influências, bem como analisam a relação entre sua arte e o público. Por meio desse processo reflexivo, os artistas podem adotar uma postura crítica sobre suas práticas, reconhecendo e questionando os limites e convenções estabelecidas nas diferentes formas de arte. Essa capacidade de reflexão também permite que os artistas examinem as relações de poder, representação e exclusão presentes no mundo das artes e na sociedade como um todo. Nesse sentido, a decolonialidade se torna uma ferramenta dialógica para desafiar normas e ideologias dominantes e criar espaços para outras vozes. Essa reflexibilidade também é aplicada à apreciação e análise de obras de arte por parte do público e dos críticos. Ao abordar uma obra de arte com um olhar reflexivo, é possível questionar as intenções do artista, as influências culturais e históricas e o impacto que a obra pode ter na sociedade. Isso gera um diálogo mais profundo e significativo sobre a arte e seus efeitos. Vejamos como cada pilar se desdobra na residência:

A escuta é um componente essencial da reflexibilidade no contexto de uma residência artística. Refere-se à capacidade dos artistas de ouvir e considerar diferentes perspectivas, sejam elas de outros artistas, mentores, críticos ou do público em geral. A escuta ativa promove um ambiente colaborativo e inclusivo, no qual os artistas podem aprender uns com os outros e expandir seus horizontes culturais e artísticos.

O atravessamento representa a disposição dos artistas em se envolver com diversas ideias, contextos e práticas artísticas, explorando novas abordagens e técnicas que possam enriquecer seus trabalhos. Esse processo de imersão em diferentes tradições, estilos e perspectivas artísticas permite aos artistas desafiar e questionarem suas próprias práticas, ampliando sua compreensão do campo das artes e das possibilidades criativas.

O desdobramento é o resultado natural da escuta e do atravessamento. Trata-se da transformação e evolução das práticas e obras dos artistas, enriquecidas pela reflexibilidade e pelas experiências vivenciadas na residência artística. Ao longo do processo, os artistas podem encontrar novas maneiras de expressar suas ideias, estabelecer conexões inesperadas e desenvolver projetos colaborativos, contribuindo para um crescimento artístico significativo.

Como vimos, a construção norteadora dos pilares da residência traduz os processos que são apresentados em cada Bienal Black. A partir daqui... a desvinculação como um questiona-

mento ativo e crítico das estruturas de conhecimento e formação de sujeitos (desejos, crenças, expectativas) que foram implantadas nas colônias pelos colonizadores, referindo-se a decolonialidade de processos ou distanciamento epistêmicos, passam a fazer sentido (Walter Mignolo, 2007).

Esta abordagem decolonial, conforme articulada por Mignolo (2007), propõe não apenas uma análise crítica dos legados coloniais, mas também uma reformulação das formas de conhecimento. Nessa perspectiva, a desvinculação é mais do que uma rejeição passiva dos sistemas coloniais, é um ato de resistência ativo que envolve a reorientação de desejos, crenças e expectativas. Mignolo argumenta que esta desvinculação tem implicações profundas para a maneira como concebemos a identidade, a cultura e a soberania. Por exemplo, nas sociedades pós-coloniais, as formas de conhecimento e os sistemas de crença que foram implantados pelos colonizadores muitas vezes continuam a moldar as formas de pensar e agir dos indivíduos. A desvinculação, portanto, exige uma reavaliação crítica dessas estruturas e a procura de formas alternativas de conhecimento e identidade que estão enraizadas nas experiências locais e nas tradições culturais. É importante notar, contudo, que a desvinculação não é um processo simples ou linear. Implica em lutas constantes e persistentes contra as forças coloniais existentes na sociedade e na cultura.

Figura 2

Banner do site da exposição on-line «2BIENALBLACK»



Cartografia e Hibridismo do Corpo Feminino: Representação Visual e Afetiva 2BIENALBLACK

Assim sendo, para se chegar a essa desvinculação, foi proposto no tema da segunda Bienal Black, *Cartografia e Hibridismo do Corpo Feminino, Representação Visual e Afetiva*, práticas decoloniais refletidas na arte envolvendo a exploração e expressão de identidades híbridas, histórias e experiências que desafiaram e subverteram as normas ocidentais ou coloniais que vão desde uso de materiais e técnicas tradicionais, resgate de narrativas subjugadas, questionamentos de normas e práticas institucionais e criação de diálogos transculturais que dominam o mundo da arte e da academia. Por este viés, os mentores propuseram diversas experiências empíricas e desse jogo, foram criados eixos expositivos

resultantes: Persona Hacker, Plantando Escuta, Cartografia da Voz, Ninharias, Incorporare e Corpo-Espaço.

Persona Hacker foi uma ação coletiva em interação online proposta pela mentora Zaika dos Santos, ativada a partir de varreduras do horizonte em conteúdos e assuntos disponíveis na World Wild Web. A partir da provocação em artes digitais e tecnologias híbridas, os residentes foram provocados a escolheres em um jogo de trocas online entre as varreduras uns dos outros, para criar personas hackers.

Figura 3

Processo artístico de Mitti Mendonça, «Destino», fotoperformance, 2021



Ninharias teve como proposta a construção de uma performance coletiva onde os residentes mascarados com suas próprias produções,

respondiam a uma peça de áudio e criaram vozes que se sobrepunham umas às outras. A mentoria foi conduzida por Luiza Furtado.

Figura 4

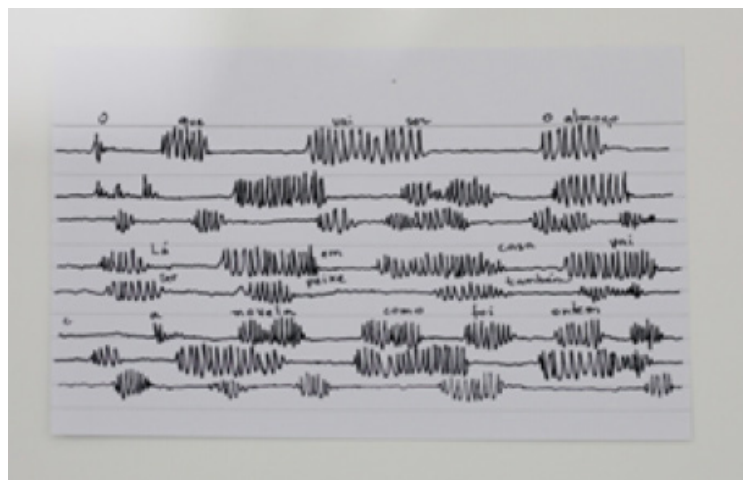
Processo artístico de Judson Andrade, «Você não vai morrer hoje», fotoperformance, 2021



Plantando Escuta foi mentorado por Priscila Costa Oliveira, e foi um passeio sonoro individual e coletivo pelos espaços de dentro e fora da casa de cada residente.

Figura 5

Processo artístico de Khetlen Costa, «Catando Conversa», obra sonora, 2021



Incorporare, mentorado por Fiamma Viola e Melina Sarnaglia, foi uma incursão entre artistas brasileiras e italianas sobre a presença das mulheres nas artes e a circulação dos corpos, principalmente negros, nesses espaços de

arte. A mentoria se desdobrou no que se traduz em «corpo-empréstimo», ou seja, a materialização da ação artística no corpo de uma outra artista.

Figura 6

Processo artístico de Fiamma Viola, «Trama (in) Visível» (detalhe), instalação, 2021

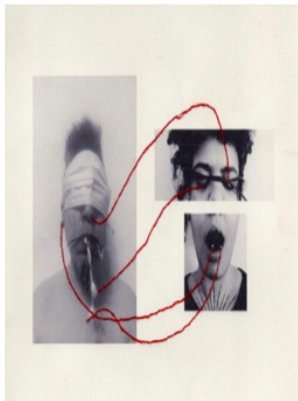


Cartografia da Voz, foi uma readaptação do projeto «O Toque» das mentoras Luciana Conceição e Andréa Hiromi, que convidaram os residentes a repensarem suas criações através da teoria das cinco peles do artista aus-

tríaco Hundertwasser. A resposta dos residentes foi tangibilizada através de processos que traduziram cada um a sua realidade, a pele epiderme, vestimenta, casa, identidade social e mundo.

Figura 7

Processo artístico de Bruni Emanuele, Andy Reis e Ana Laura Pedraja, «Conexões, Afetos e Sentidos», livro performance, 2021



E por fim, Corpo-Espaço mentorado por Patrícia Brito, buscou produzir um fio condutor sobre as artes apresentadas na chamada pública (edita) apresentando uma vasta rede de múltiplas narrativas. O eixo Corpo-Espaço, navegou no mundo dito «indecifrável» na medida em que as «realidades» que o cobrem se sobrepõem e se entrelaçam e as

formas de percebê-los são diferentes. Cada artista ofereceu uma perspectiva única, cada obra de arte uma nova interpretação da realidade, assim tornando o espaço artístico um emaranhado de diferentes visões e expressões. Nesse contexto, as palavras de Harold Szeemann (2007) parecem ainda mais tinentes. À medida que a arte se expande em

direções inesperadas, o papel do curador evoluiu para acomodar essas mudanças. Isso implica em expandir as fronteiras do curador para incluir não apenas a arte em si, mas também os contextos em que ela é criada e apresentada, refletindo um dinamismo constante entre o curador, a arte e o espaço onde ela reside. A

essência do Corpo-Espaço é uma resposta a esta expansão, um fio condutor que explora e conecta a multiplicidade de vozes presentes na arte contemporânea, tornando possível a coexistência harmoniosa e ressonante de múltiplas realidades.

Figura 8

Processo artístico de Cecília Cipriano, Carine Paz, Virna Bemvenuto, «Barriga do Mistério», vídeo performance, 2021



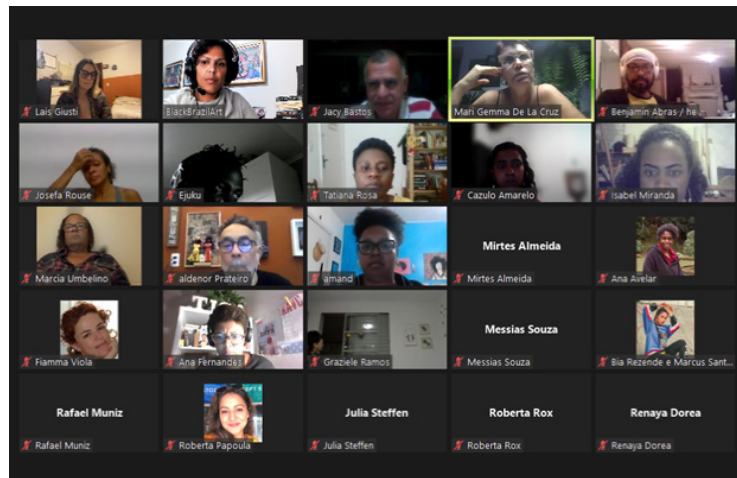
Fluxos (in)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória #RAVC-2

A segunda edição da residência artística sob o tema, *Fluxos (in) Fluxo-Transitoriedade, Migração e Memória*, teve parceria colaborativa entre a Black Brazil Art e a Njabala Foundation. O programa permitiu que os artistas explorassem e criassem sob a perspectiva de um olhar macro, transnacional, além de suas comunidades, dedicando tempo à experimentação sobre a transitoriedade do(s) fluxo(s). Efeitos como migração, desigualdade sistêmica de gênero, narrativas transculturais,

identidades em fluxo motivaram artistas selecionados de várias disciplinas, a participar do programa baseado em tarefas e discussões voltadas ao «pensamento crítico» em tópicos que expandem e atravessam experiência artísticas. Foram vinte mentores nacionais e internacionais mentorando trinta e dois residentes que permaneceram por sete meses (de setembro de 2022 a março de 2023) delineando processos através do tema proposto para a 3BIENALBLACK.

Figura 9

Registro da turma 2022, mentoria de Patrícia Brito



Vale destacar que uma profusão de acontecimentos tivera destaques político-sociais ao longo dessa residência. Uma ruptura política com a extrema direita que alimentou o discurso fascista, nazista, extremista e de ódio e a perda sistêmica da identidade cultural em diversos países, teve reflexos mais profundos no Brasil onde a distorção, a desinformação, a incoerência, a censura e o «cancelamento», alimentaram o pensamento em detrimento do poder da imagem. Artistas se valeram do seu lugar de fala e de falha, para reajustarem e reafirmarem um discurso mais uníssono em prol da liberdade de expressão, ao direito a democracia cultural e a concomitância da igualdade de gênero(s). Perguntas como «O que está no centro de nosso questionamento?» ou «Como entendemos as emoções presentes quando nos envolvemos com nossas narrativas?» foram lançadas e respostas foram traduzidas nos eixos que saíram dessa segunda residência artística. Linhas Insurgentes, Redes de Transmissão, Práticas Geradoras, (RE)imaginando o Cubo Preto, Memórias (trans)locadas. Vejamos o que cada um dos eixos nos diz.

Linhas Insurgentes – Neste eixo, explora-se a arte como uma forma de insurgência e resistência, destacando obras que desafiam as convenções estabelecidas e que questionam as normas sociais e políticas. Os trabalhos apresentados neste eixo celebram a capacidade da arte de romper barreiras e estabelecer novos caminhos de expressão e liberdade.

Redes de Transmissão – Este eixo se concentra nas conexões e interações entre artistas, comunidades e culturas. Através da análise de redes de transmissão de conhecimentos, técnicas e tradições artísticas, busca-se compreender como esses fluxos influenciam e moldam a produção cultural e a memória coletiva.

Práticas Geradoras – Este eixo destaca práticas artísticas que geram novas possibilidades e perspectivas, promovendo a inovação e a experimentação. Através de instalações, performances e outros meios, os artistas envolvidos neste eixo exploram o potencial transformador da arte e sua capacidade de gerar mudanças e reflexões.

(RE)imaginando o Cubo Preto - Neste eixo, propõe-se uma revisão crítica e criativa do espaço expositivo tradicional, conhecido como «cubo branco». Ao reimaginar o cubo preto, este eixo questiona os modos convencionais de apresentação e apreciação da arte, propondo novas abordagens e espaços de encontro e diálogo.

Memórias (trans)locadas - O último eixo aborda questões de memória, migração e deslocamento, enfocando as experiências de indivíduos e comunidades que enfrentam a transitoriedade e a diáspora. As obras apresentadas neste eixo exploram as complexidades das memórias deslocadas, ressaltando a importância do passado na construção de identidades e narrativas culturais.

Ao explorar o tema «Fluxos (in) Fluxo, Transitoriedade, Migração e Memória», é possível perceber como as identidades e experiências humanas são moldadas e transformadas pelas forças históricas e contemporâneas. O colonialismo, em particular, é uma força significativa que continua a afetar as vidas e identidades das pessoas, impondo mudanças nas estruturas sociais e culturais das populações. Neste contexto, a migração e a memória são aspectos intrinsecamente ligados à construção e reconstrução da identidade ao longo do tempo.

Com a crescente prevalência dos espaços on-line, surge a oportunidade de revisar, reparar e fortalecer as identidades que foram afetadas pela colonização. A própria internet possibilita o processo de descolonização da

identidade, permitindo que as pessoas compartilhem suas histórias e vivências, resgatando suas tradições e conhecimentos ancestrais. Nesse sentido, a conexão entre os fluxos de informação e a transitoriedade das plataformas digitais é fundamental para a promoção da resiliência narrativa (Mignolo, 2003). A resiliência narrativa é um conceito-chave na construção da bienal, pois enfatiza a importância das narrativas pessoais e coletivas na recuperação de ameaças e vulnerabilidades impostas pelo colonialismo. Essas narrativas, por sua vez, se tornam uma forma de preservar a memória e a herança cultural, permitindo que as comunidades se reconectem com suas raízes e se fortaleçam diante das adversidades.

6. Pensamento Crítico Decolonial nas Práticas Artísticas #RAVC-3

A terceira edição da residência artística (2023) sob o tema, *Pensamento Crítico Decolonial nas Práticas Artísticas*, não ocorreu em formato de residência, mas teve desdobramento em práticas realizadas com oficinas de formação para professores. A ideia central era abordar a prática decolonial a partir do ensino e da produção dos saberes. A descolonização é um processo que pode começar em diversos pontos, uma vez que a influência do colonialismo permeia muitos aspectos de nossas vidas. Em *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*, Quijano aborda elementos como capitalismo, racismo, heteropatriarcado, supremacia branca e abordagens eurocêntricas na produção de conhecimento que reforçam dinâmicas coloniais de poder e estruturas que afetam a distribuição de poder entre os indivíduos (Quijano, 2000). Ao abordar cada um desses aspectos, podemos iniciar a descolonização. A própria base de nossas histórias registradas é colonizada. Os materiais didáticos apresentam uma versão seletiva dos eventos e seus motivos, muitas vezes a partir da ótica dos detentores de poder ao longo da história, como colonizadores e pesquisadores. Uma das dimensões da descolonização envolve a revisão dessas narrativas parciais.

Alguns docentes propõem uma abordagem de desconstrução, reconexão e reconstrução para corrigir narrativas incompletas, criando histórias que analisem criticamente a escravidão e a opressão e incluam relatos negligenciados, como os de sociedades indígenas e negras antes da colonização. Ao reconectar e reconstruir, busca-se valorizar as culturas marginalizadas em sua resiliência e complexidade, além de seu papel como sujeitos colonizados. Segundo Bhambra (2014), reformular histórias incompletas nos ajuda a questionar o excepcionalismo e a supremacia ocidental/europeia, compreendendo melhor o mundo sob diferentes perspectivas. Reconhecer e valorizar a diversidade cultural é fundamental para que essas culturas possam coexistir e prosperar. Ao discutir o preenchimento das lacunas históricas, é essencial compreender que conhecimento, ciência e dados são construídos e cocriados, não apenas «descobertos» ou «encontrados». Devemos refletir sobre a origem do conhecimento, quem o criou e a quem beneficia. Países ocidentais e europeus frequentemente determinam o que é considerado conhecimento e ciência, controlando e dominando sua produção.

Essa dinâmica de poder limita a capacidade das diferentes culturas de contribuir com seus saberes únicos e legítimos. Ao questionar o caráter seletivo da academia, podemos valorizar o conhecimento cultural e científico, expandindo suas possibilidades.

A importância de abordar temas que descolonizam o pensamento crítico na arte, especialmente na perspectiva da educação, reside na necessidade de questionar e desafiar as hierarquias e estruturas de poder que têm moldado o discurso artístico e a produção cultural ao longo da história. Ao incluir narrativas e práticas marginalizadas e sub-representadas, a educação pode se tornar um espaço de reflexão e transformação, incentivando os alunos a desenvolverem uma compreensão mais ampla e inclusiva das diferentes manifestações culturais e suas interconexões. Iniciativas como a residência artística da Black Brazil Art e a Bienal Black desempenham um papel fundamental nesse processo de descolonização do pensamento crítico na arte. Ambas as iniciativas buscam transversalizar os processos artísticos, conectando-se a diferentes olhares e perspectivas de práticas locais e independentes, promovendo um diálogo

horizontal entre artistas, acadêmicos e comunidades. Ao proporcionar uma plataforma para a expressão e o engajamento de artistas negros e suas práticas culturais, a Black Brazil Art e a Bienal Black contribuem para o empoderamento dessas vozes e a promoção da diversidade e inclusão no campo da arte e da educação (Fanon, 1980/2008). Essas iniciativas estimulam a troca de conhecimentos e experiências entre diferentes contextos culturais e geográficos, enriquecendo o entendimento coletivo das múltiplas dimensões da arte e da cultura.

Ao mesmo tempo, o apoio a iniciativas independentes permite que artistas e educadores explorem novas abordagens e metodologias, rompendo com as tradições e convenções estabelecidas e fomentando a inovação e a experimentação. Essa abordagem colaborativa e democrática ajuda a construir pontes entre diferentes comunidades e a desenvolver redes de apoio e solidariedade, fortalecendo o ecossistema artístico e educacional.

Conclusão

Ao propor uma residência artística virtual compartilhada, o processo incita uma reflexão amplificada sobre a influência crucial da subjetividade em cada um dos seus artistas-residentes. Ancorada na convergência da arte contemporânea, esse modelo de residência fomenta uma dialética incessante entre o objeto e sua representação; uma exploração contínua da imagem como instrumento plástico, independentemente de ser estático ou dinâmico.

Nesta travessia experimental e imersiva, cada objeto que é projetado, edificado e posteriormente exibido, provoca uma introspecção de si e do universo diversificado de interpretações que ele pode desencadear. Tal qual o

toque inquisitivo de um artista, estas representações desafiam o espectador a superar o tangível e se aventurar no domínio das possibilidades.

Para a Black Brazil Art, isso transcende a simples representação. Com um compromisso inflexível de sondar as diversas camadas do processo criativo, a residência introduz o público a um retrato vívido e pulsante do ato de criar. Os esboços, concluídos ou inacabados, as gravações de vídeo, achados aleatoriamente ou montados meticulosamente, são expostos e utilizados como naturezas-mortas alternativas. Cada objeto, cada linha ou pixel, serve como um código de linguagem silencioso e por vezes místico. A análise ou

processo de cada obra sugere a ativação de dinâmicas atípicas entre os artistas-residentes para gerar diálogos entre a intenção do criador, o suposto papel ou função do objeto e a perspectiva do espectador. Cada objeto em cada obra acaba por se tornar uma narrativa própria, permeada por construções coletivas ou colaborativas. Estes são monólogos silenciosos que convidam a uma reflexão profunda sobre a subjetividade intrínseca em cada ato de criação. Através deste exercício introspectivo, a residência oferece um panorama encantador das múltiplas realidades que habitam o universo artístico. Ela reconhece e celebra a peculiaridade de cada criador, enfatizando a necessidade de uma apreciação mais complexa e multifacetada da arte no mundo contemporâneo.

Em suma, a residência artística virtual compartilhada da Black Brazil Art não apenas incita a criação de projetos artísticos, mas os emprega como mecanismos de discurso, servindo como uma plataforma para o diálogo e a exploração das dimensões humanas mais profundas na criação artística dentro de uma Bienal de Arte. A residência apresenta um santuário artístico inigualável na intersecção do cotidiano e da prática artística.

Neste domínio virtual, abrimos uma fenda na contínua tensão entre trabalho e lazer que governa nossa existência e nos desafia a reconhecer e apreciar as «linhas de fuga», as potencialidades de evasão que surgem na rotina aparentemente inexorável do dia-a-dia. A redenção da «atrofia da experiência» induzida pela modernidade, tão expressa por Walter Benjamin (1969), é buscada. Assim, a arte contemporânea é empregada como ferramenta de quebra e transformação. Ao romper a monotonia do trabalho-lazer, desafia os regimes de visibilidade estabelecidos, instigando no-

vas formas de perceber o cotidiano. Ecoando Michel de Certeau (2000), este espaço celebra o lúdico e o subversivo, promovendo formas inovadoras e renovadas de viver e de utilizar o que nos é dado.

Os artistas-residentes adotam estratégias lúdicas de apropriação, utilizando a arte para refletir, suspender e subverter a experiência do cotidiano. Nesse espelho distorcido que é a arte, os corpos e as práticas comuns são desfamiliarizados, incitando uma reflexão profunda. A arte então se transforma em um laboratório de ideias, um terreno fértil onde novos modos de articulação são explorados e testados. Muitos artistas utilizam a residência como um palco para revelar e explorar os conflitos e perplexidades latentes que são inerentes à nossa vida cotidiana. As inconsistências e tensões inerentes à experiência humana são trazidas à luz, analisadas e confrontadas.

O resultado é uma prática artística dedicada a uma rearticulação do comum. Não estamos diante das equações de «arte = vida» ou «arte + vida», mas de uma arte que se arrisca a ser da vida, que aspira a infundir o cotidiano com uma sensibilidade artística. A Black Brazil Art reinterpreta a vida cotidiana, não como algo ordinário, mas como um espaço de possibilidade, inovação e desafio. Com isso, se firma como um espaço de pensamento crítico no universo virtual, um espaço de resistência contra o refluxo da existência moderna e uma construção da contranarrativa. Uma manifestação viva do potencial libertador da arte, nos lembra que a arte não é apenas um complemento da vida, mas uma forma essencial de vivê-la.

Bibliografia¹

- Appadurai, A. (1996). *Modernidade em Grande Escala: Dimensões Culturais da Globalização*. Editora UFMG.
- Baym, N. K., & Markham, A. (2009). *Internet inquiry: conversations about method*. Sage Publications.
- Benjamin, W. (1969). *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodução Técnica*. Editora Zouk.
- Bhabha, H. K. (2004). *The Location of Culture*. Routledge.
- Bhambra, G. K. (2014). *Connected Sociologies*. Bloomsbury.
- Bishop, C. (2012). *Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship*. Verso.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.
- Castells, M. (2000). *O poder da identidade*. Paz e Terra.
- Certeau, M. de. (2000). *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Vozes.
- Césaire, A. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*. Ed. Livraria Sá da Costa Editora.
- Chakravorty Spivak, G. (2010). *Pode o Subalterno Falar?* Editora UFMG.
- Dussel, E. (2000). *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Editora Vozes.
- Fanon, F. (1980). *Em defesa da revolução africana*. Livraria Sá da Costa Editora.
- Fanon, F. (2008). *Pele negras máscaras brancas*. EDUFBA.
- Foucault, M. (1979). *Os intelectuais e o poder. Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze*. En R. Machado (Org.), *Microfísica do Poder*. Graal.
- Foucault, M. (1999)[1966]. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. Martins Fontes.
- Giddens, A. (1991). *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford University Press.
- Hall, S. (1990). *Cultural Identity and Diaspora*. In J. Rutherford (Ed.), *Identity: Community, Culture, Difference*. Lawrence & Wishart.
- Hall, S. (1996). *Introduction: Who Needs Identity?* Em S. Hall & P. du Gay (Eds.), *Questions of Cultural Identity*. Sage.
- Hall, S. (2006). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Editora UFMG.
- Lefebvre, H. (2000). *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris). Éditions Anthropos.
- Lovink, G. (2003). *My First Recession: Critical Internet Culture in Transition*. V2 Publishing.
- Lovink, G. (2011). *Networks without a cause: a critique of social media*. Polity.
- Maldonado-Torres, N. (2007). *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*. In S. Castro-Gómez y R. Grosfoguel (Eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más Allá del capitalismo global* (pp. 127-169). Eesco-pensar-Siglo del Hombre Editores.
- Massey, D. (2001). *Space, Place and Gender*. Polity Press.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Editora UFMG.

- Mignolo, W. (2007). Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Gragoatá*, (22), 11-41. https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf
- Mignolo, W. D. (2007). delinking: The Rhetoric of Modernity, the Logic of Coloniality and the Grammar of De-Coloniality. *Cultural Studies*, 21(2-3), 449-514. : <http://dx.doi.org/10.1080/09502380601162647>
- Martins, L. M. (2021). Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. *Cobogó*.
- Nochlin, L. (2003). Why have there been no great women artists? En A. Jones (Ed.) *The Feminism and Visual Culture Reader* (pp. 229-233). Psychology Press.
- O'Neill, P. (2007). The culture of curating and the curating of culture(s): The development of contemporary curatorial discourse in Europe and North America since 1987 Tesis Doctorate, Middlesex University. <https://repository.mdx.ac.uk/download/6075177361459f613591ae410a79831178ae9cf06c6d1e6609d-5baebccd16037/55925201/568395.pdf>
- O'Neill, R. (2014). Recognising the citizen curator. *Virtual Cultural Heritage*.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En E. Lander (Ed.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. CLACSO.
- Quijano, A. (2014). Colonialidad del poder y clasificación social. En *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. CLACSO.
- Sholette, G. (2011). *Dark matter: Art and politics in the age of enterprise culture*. Pluto Press.
- Soja, E. W. (1993). *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Zahar.
- Szeemann, H. (2007). *Individual Methodology* Szeemann, JRP Editions.

Este artigo foi construído com base em uma pesquisa ampla que abrange diferentes autores e perspectivas teóricas, cujas ideias contribuíram para a formulação de minhas reflexões e críticas. Embora nem todos os autores citados na bibliografia sejam mencionados diretamente no corpo do texto, suas obras compõem um arcabouço teórico fundamental para compreender e problematizar os temas abordados, especialmente no que diz respeito à crítica ao epistemicídio e às dinâmicas de poder que estruturam o conhecimento.

Ao adotar essa abordagem, buscamos não apenas dialogar com as ideias principais de autores consagrados, mas também destacar como as contribuições coletivas enriquecem o debate acadêmico e fortalecem o questionamento das práticas eurocêntricas e excludentes na produção de conhecimento. Assim, a bibliografia reflete um compromisso com uma análise mais ampla e plural, indo além da simples menção direta no texto.